

Arraes e Roseana estão liberados

Na mais tumultuada das reuniões secretas que já fez, a CPI do Orçamento desistiu ontem de convocar os deputados Miguel Arraes (PSB-PE) e Roseana Sarney (PFL-MA) e acatou pedido do senador Mauro Benevides (PMDB-CE) para responder por escritos as perguntas da CPI. Só um depoimento foi marcado para hoje — o do ex-ministro da Educação, Carlos Chiarelli — e o senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), teve uma crise de labirintite, que passou logo após ser medicado.

Hoje de manhã a CPI faz nova reunião secreta, para votar a quebra de sigilo bancário de pessoas ligadas ao governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PP), e definir horários de convocação dos suspeitos ainda não ouvidos. Carlos Chiarelli será interrogado às 18h00. Ele foi acusado pelo economista José Carlos Alves dos Santos

de liberação irregular de subvenções sociais.

Amanhã, sem horário definido, depõe o ex-ministro-chefe da Casa Civil, Henrique Hargreaves, e, no sábado, o deputado Êzio Ferreira (PFL-AM). Êzio movimentou cerca de US\$ 18 milhões nos últimos cinco anos, tendo recebido US\$ 560 mil de empreiteiras. Deverá ser incluído na lista dos que terão o mandato cassado.

Regalias — Na confusa sessão ficou definido também que o depoimento de Benevides será por escrito. A decisão foi tomada por 14 votos a 2. Os dois votos contrários à concessão da regalia a Benevides foram dados pelos deputados Luiz Salomão (PDT-RJ) e Aloísio Mercadante (PT-SP). Benevides alegou ter esse direito porque na época em que as irregularidades do Orçamen-

to ocorreram ele era o presidente do Congresso Nacional. O atual presidente do Congresso, senador Humberto Lucena (PMDB-PB), também vai responder à CPI por escrito.

O tumulto maior ocorreu quando o deputado Maurício Najar (PFL-SP) propôs a convocação do deputado Miguel Arraes, que nos documentos da Construtora Norberto Odebrecht aparece como interessado em uma mesada de US\$ 30 mil. Najar argumentou que se o critério para a convocação de outros parlamentares citados pela Odebrecht tinha sido a inclusão de um percentual à frente do nome, Arraes teria de ser ouvido, pois a mesada o comprometia.

A “tropa de choque” do deputado Miguel Arraes, com o auxílio do senador Ney Maranhão (PRN-PE), chegou a impedir que o deputado paulista continuasse a falar.